

REVISTA

DIÁLOGO EDUCACIONAL

periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional



A crítica ao humanismo como ideologia na educação

The critique of humanism as an ideology in education

La crítica del humanismo como ideología en la educación

Alessandro de Melo ^[a] 

Ponta Grossa, PR, Brasil

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Departamento de Educação

Ana Claudia Marochi ^[b] 

Irati, PR, Brasil

Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)

Como citar: de MELO, A.; MAROCHI, A. C. A crítica ao humanismo como ideologia na educação. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, PUCPRESS, v. 24, n. 83, p. 1659-1672, 2024. <https://doi.org/10.7213/1981-416X.24.083.AO09>

Resumo

Os resultados apresentados neste artigo fazem parte de um trabalho mais amplo no campo da teoria marxista da educação, é o de avaliar as formas teóricas do humanismo na obra de Karl Marx a partir da análise que dela fez o filósofo francês Louis Althusser (1918-1990), e de como o humanismo acaba sendo o fundamento das pedagogias críticas brasileiras, especialmente a denominada Pedagogia Histórico-Crítica - PHC. Analisa-se as obras de juventude de Marx, nas quais o humanismo aparece, de acordo com as influências de Feuerbach e Hegel, com a presença de conceitos como Homem, alienação e emancipação humana. E, num segundo momento, como a PHC se assenta nestas obras de juventude de Marx. Trata-se de uma pesquisa teórica, que visa a ampliar os debates no interior das pedagogias críticas no sentido de que estas superem a ideologia humanista.

Palavras-chave: Ideologia humanista. Louis Althusser. Educação e Humanismo.

^[a] Doutor em Educação, e-mail: alessandrodemelo@uepg.br

^[b] Doutora em Educação, e-mail: anacmarochi@hotmail.com

Abstract

The results presented in this article are part of a broader study in the field of Marxism educational theory, which aims to evaluate the theoretical forms of humanism in Karl Marx's work, based on the analysis made of it by the French philosopher Louis Althusser (1918-1990), and how humanism ends up being the foundation of Brazilian critical pedagogies, especially the so-called Historical-Critical Pedagogy HCP. Marx's youthful works are analyzed, in which humanism appears, according to the influences of Feuerbach and Hegel, with the presence of concepts such as Man, alienation and human emancipation. And secondly, how HCP is based on these works of Marx's youth. This is theoretical research, which aims to broaden the debates within critical pedagogies so that they overcome humanist ideology.

Keywords: Humanist Ideology. Louis Althusser. Education and Humanism.

Resumen

Los resultados presentados en este artículo forman parte de un estudio más amplio en el campo de la teoría de la educación marxista, que tiene como objetivo evaluar las formas teóricas del humanismo en la obra de Karl Marx, a partir del análisis que de ella hizo el filósofo francés Louis Althusser (1918-1990), y cómo el humanismo acaba siendo el fundamento de las pedagogías críticas brasileñas, especialmente de la llamada Pedagogía Histórico-Crítica PHC. Se analizan las obras de juventud de Marx, en las que aparece el humanismo, según las influencias de Feuerbach y Hegel, con la presencia de conceptos como Hombre, alienación y emancipación humana. Y en segundo lugar, cómo la PHC se fundamenta en estas obras de juventud de Marx. Se trata de una investigación teórica, que tiene como objetivo ampliar los debates en el seno de las pedagogías críticas para que superen la ideología humanista..

Palabras clave: La ideología humanista. Louis Althusser. La educación y el humanismo.

Introdução

O texto surge após um período de investigação sobre a obra de Louis Althusser, cujo objetivo foi o de analisar a crítica à ideologia humanista e seu impacto na reflexão educacional de uma perspectiva crítica¹. A interpretação de Althusser da obra de Marx representa uma tentativa de revitalização do marxismo em um momento de crise, após as revelações do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956, especialmente pelo fato de que vários partidos comunistas europeus, e o Partido Comunista Francês à frente, abandonaram a perspectiva revolucionária. A obra do filósofo francês, portanto, representa uma significativa reinvenção contemporânea do marxismo em favor do materialismo histórico como instrumento teórico e prático, visando a que este seja um instrumento nas mãos da classe trabalhadora para a transformação social.

A questão central do humanismo teórico emerge como um ponto crítico nas discussões no âmbito do marxismo, especialmente no contexto francês, marcado pelo estruturalismo na época. Ele oferece uma contribuição singular ao marxismo ao desafiar essa concepção. Mas o que é, de fato, o humanismo?

Pode-se resumir esta como uma concepção que coloca o homem como a essência do próprio homem, solidário em uma comunidade universal, onde cada indivíduo representa essa universalidade. O humanismo busca desfazer a inversão na qual o mundo objetivo se torna um mundo dos homens, mas invertido. O objetivo é alcançar a desalienação do mundo, permitindo aos homens reconhecerem sua essência no mundo exterior e nos outros seres humanos, promovendo assim uma comunhão universal da essência humana (Karsz, 1970).

Althusser localiza o humanismo na obra de Marx no período em que construiu um diálogo crítico os filósofos alemães Hegel e Feuerbach. Althusser argumenta que o marxismo não é um humanismo e que Marx revolucionou a ciência ao estabelecer o materialismo histórico como um novo continente, o “continente História”, de forma que o marxismo é caracterizado pelo filósofo francês como um anti-humanismo teórico. Essa concepção marca uma ruptura epistemológica (ou corte epistemológico) com o idealismo alemão, representado principalmente por Hegel, mas também identificado por Althusser em Feuerbach. Na obra de Marx este é um processo que se inicia com a Ideologia Alemã, em 1845, e segue ao longo dos anos, e não um corte abrupto, como quis parecer o próprio Althusser, mas que retificou este pensamento².

A ideologia humanista, enquanto perspectiva reformista, representou o abandono do horizonte revolucionário tanto por parte dos intelectuais quanto dos partidos comunistas, em favor de valores

¹ No campo educacional brasileiro, a crítica realizada por Dermeval Saviani a Louis Althusser, no clássico livro *Escola e Democracia* (1999), taxando-o como “crítico-reprodutivista” fez com que se constituísse um verdadeiro obstáculo ao estudo da obra deste autor, sem que a intenção do autor fosse esta, já que nunca foi assim pronunciada. Esta é a maior, mais radical e mais injusta crítica a Althusser no campo educacional. Nem mesmo uma obra que reputo genial, de Tomaz Tadeu da Silva, *O que produz e o que reproduz em educação* (Silva, 1992), ganhou a notoriedade que deveria, pois defende uma tese contra-hegemônica, que é a defesa da teoria da reprodução. Neste sentido ainda, nem um outro livro de Luiz Antonio Cunha, *Uma leitura da teoria da escola capitalista* (Cunha, 1982), que trata a fundo o tema, teve uma fama no campo educacional. A consulta a bases de dados de teses e dissertações da CAPES, bem como em artigos, demonstra que de Althusser na educação brasileira se conhece quando muito uma leitura do texto *Aparelhos ideológicos de estado* (Althusser, 1987), ainda assim na versão descolada do livro *Sobre a Reprodução* (Althusser, 2017), que foi tardiamente traduzido no Brasil. Contrariamente a este obstáculo aos estudos althusserianos que ocorre no Brasil, frutificam produções acalentadas sobre Althusser nos Estados Unidos (Backer, 2019; 2022) e na Itália (Clemente, 2021), para não falar da larga tradição althusseriana na América Latina, objetivada, entre outras iniciativas na academia por publicações como a *Revista Demarcaciones. Revista Latinoamericana de Estudios Althusserianos* (<https://revistademarcaciones.cl/>), e congressos, como o *Coloquio Internacional Althusser*, que teve seu quinto ano em 2024, ocorrido na Universidad Mayor de San Andrés, em La Paz, Bolívia.

² Os detalhes desta autocrítica de Melo (2022) descreve detalhadamente na sua obra.

como o homem e sua emancipação, relegando a segundo plano a condição de classe do proletariado e o ideal revolucionário. Na educação, criticar o humanismo ideológico implica defender um projeto educacional revolucionário e com base classista, demandando um diálogo crítico com as pedagogias marxistas que adotam o humanismo como base, mesmo não sendo reformistas politicamente.

Nossa pesquisa baseou-se em uma revisão bibliográfica extensiva, com uma análise sistemática das obras de Althusser e de outros autores sobre o tema do humanismo. Os resultados da pesquisa estão materializados na obra *Crítica da ideologia humanista em educação: contribuições do marxismo althusseriano* (de Melo, 2022), e foi conduzida ao longo do período de 2018 a 2022, levantando as produções althusserianas no Brasil e América Latina, bem como referentes europeus e dos EUA, especificamente sobre o tema em questão.

O texto está estruturado em duas partes, seguidas por Considerações Finais, onde sintetizamos um projeto educacional crítico em relação ao humanismo ideológico. Na primeira parte, abordamos o tema do humanismo em Louis Althusser, sua interpretação da relação entre Marx, Hegel e Feuerbach, e a consequente ruptura epistemológica representada pelo materialismo histórico. Em seguida, discutimos a apropriação da ideologia humanista pela pedagogia marxista no Brasil, com destaque para a análise da Pedagogia Histórico-Crítica.

Humanismo no diálogo entre Marx e Feuerbach: uma perspectiva althusseriana

A discussão sobre as influências de Feuerbach na obra de Marx são de tal monta que verdadeiramente divide opiniões. Ao passo que Althusser parte da concepção de que a obra de juventude de Marx é eivada de ideologia humanista feuerbachiana, no Brasil temos, por exemplo, Jesus Ranieri (2010) que, na análise que faz em seu já tornado clássico *A câmara escura*, onde trata da questão da alienação e estranhamento na obra de Marx, afirma categoricamente que “Marx nunca foi feuerbachiano” (Ranieri, 2010, p. 11)³. Sobre o mesmo tema, e tão enfaticamente quanto Ranieri, Engels em seu *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* (Engels, 2016), publicado na *Neue Zeit*, em 1886, reforça a tese de Althusser sobre o jovem Marx, de que sua obra de 1843-1844 não necessariamente é uma proto-história sem rupturas, a qual deságua em *O Capital*. Afirmando a herança feuerbachiana de Marx, Engels (2016) nos conta que foi justamente entre 1830 e 1840, período que denominou como “hegelomania”, que a filosofia de Hegel conheceu seu auge e, também, “o prelúdio de uma luta intestina”. Luta que dividia os hegelianos em direita e de esquerda, polêmica que girava em torno da compreensão da História como sendo impulsionada pela substância ou pela consciência.

Feuerbach, com sua obra *Essência do Cristianismo*, publicada em 1841, é apresentado como um ponto de inflexão significativo neste debate, ao realocar o papel da Natureza sem necessariamente questionar ou superar Hegel. É importante observar que Engels tem uma visão crítica de Feuerbach em comparação com a grandiosidade atribuída a Hegel.

A natureza existe independentemente de toda filosofia, ela constitui a base sobre a qual os homens cresceram e se desenvolveram, como produtos da natureza que são; nada existe fora da natureza e

³ Para quem quer se aproximar da crítica ao marxismo estrutural de Althusser, reputo ser fundamental a leitura de *Estruturalismo e a miséria da razão*, de Carlos Nelson Coutinho (2010), bem como o mais ácido dos críticos, E.P. Thompson e seu *A miséria da teoria e outros ensaios* (Thompson, 2021).

dos homens; e os entes superiores, criados por nossa imaginação religiosa, nada mais são que outros tantos reflexos fantásticos de nossa própria essência [...] Só tendo vivido, em si mesmo, a força libertadora desse livro, é que se pode imaginá-la. O entusiasmo foi geral - e momentaneamente todos nós nos transformamos em "feuerbachianos". Com que entusiasmo Marx saudou a nova concepção e até que ponto se deixou influenciar por ela - apesar de todas as suas reservas críticas - pode ser visto em *A Sagrada Família* (Engels, 2016).

A influência revolucionária de Feuerbach no pensamento de Marx entre os anos de 1842 e 1844 foi significativa, refletindo-se em obras como *A questão judaica* (1843), *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (1844) e os *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844) (Althusser, 2015). Althusser, em seu livro autobiográfico *O futuro dura muito tempo* (1992), revela a sua própria proximidade da obra de Feuerbach, tendo sido responsável por sua tradução na França. Em *Pour Marx* (2015) resume sua tese sobre a relação entre Marx e Feuerbach da seguinte maneira:

Feuerbach é a *testemunha* e o *agente* da crise do desenvolvimento teórico do movimento jovem hegeliano. É preciso ler Feuerbach para compreender os textos dos jovens hegelianos entre 1841 e 1845 [...] Não só a terminologia marxista dos anos 1842-1844 é feuerbachiana (a alienação, o homem genérico, o homem total, a "inversão" do sujeito em predicado etc.), mas, o que é sem dúvida mais importante, o fundo da *problemática filosófica* é feuerbachiano [...] A *ideologia alemã* é o primeiro texto que marca a ruptura consciente e definitiva com a filosofia e a influência de Feuerbach [...] Todas as fórmulas do "humanismo" idealista de Marx são fórmulas feuerbachianas (Althusser, 2015, p. 35).

A visão de Althusser sobre as obras de juventude de Marx é consistente ao longo de sua obra nos anos de 1960 e 1970, destacando que estão permeadas pelo humanismo, fundamentado na "alienação do Homem" (Motta, 2014). Marx seria uma espécie de feuerbachiano de vanguarda durante essa fase, aplicando os princípios de Feuerbach às questões políticas e à vida cotidiana, e posteriormente, nos Manuscritos de 1844, à economia política. Em resumo, Marx aborda novos acontecimentos à luz das questões levantadas por Feuerbach. Para Althusser (2015), o foco está nas perguntas, não nas respostas, para compreender o contexto do autor. As indagações de Marx nesse período são influenciadas pelo idealismo alemão e pela suposta resposta materialista de Feuerbach.

Althusser exemplifica com a *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* de 1843, argumentando que nessa fase Marx era politicamente comunista, mas filosoficamente estava imbuído das ideias de Feuerbach.

Assim, no Manuscrito de 1843 (*Crítica da filosofia do direito de Hegel*), a consciência de si de Marx era feuerbachiana. Ela falava a linguagem de Feuerbach porque se *acreditava* feuerbachiano. Mas essa linguagem-consciência estava então objetivamente em contradição com sua "tendência materialista". É essa contradição que constitui o motor de seu desenvolvimento (Althusser, 2015, p. 47).

O impulso do desenvolvimento do pensamento de Marx reside na dialética entre suas convicções políticas, que avançam continuamente, e a doutrina filosófica materialista de Feuerbach, a qual rapidamente mostra seus limites, evidenciados pelo rompimento ocorrido em 1845, como registrado em *A Ideologia Alemã* e nas célebres *Teses sobre Feuerbach*. Althusser (2015) avalia que na obra de Marx houve um papel revolucionário da filosofia para o descobrimento do novo "continente História", ou seja, o materialismo histórico, que na sua concepção é uma ciência revolucionária.

Althusser argumenta que a presença de Feuerbach em Marx não se limita apenas às citações explícitas, mas também se manifesta em paráfrases ou reproduções longas nas quais Feuerbach não é

diretamente mencionado. Ele questiona por que Marx deveria citar Feuerbach quando este já era amplamente conhecido e quando Marx havia internalizado seus pensamentos como próprios (Althusser, 2015).

Esse questionamento nos conduz ao tema do humanismo em Feuerbach. Destacamos sua concepção da essência humana e sua relação com a objetificação: os objetos são a exteriorização da Essência, portanto, os objetos humanos são a materialização da Essência Humana. No entanto, essa abordagem representa um retrocesso em relação ao conceito fundamental de Hegel: a História. Feuerbach abdica da dialética hegeliana como o motor da História e substitui pela centralidade do Homem, tornando-o o Sujeito da História. Embora Hegel apresente uma visão teleológica da História, que também foi criticada por Marx, ele concebe a História como um processo em constante movimento.

Para Hegel, a História não é apenas um processo de alienação do Homem, mas sim um processo de alienação do Espírito. Se considerarmos algo próximo ao Homem em Hegel, seriam os povos os sujeitos desse processo. Na verdade, esses povos representam os momentos do desenvolvimento da Ideia, que se realiza como Espírito. Feuerbach analisa que somente existe a alienação do Homem nos seus objetos, sem processo.

A essência genérica do Homem sendo “atribuída” ao conjunto dos homens passados, presentes e futuros, todos indivíduos constituídos pela essência “absoluta” do Homem, a História se refugia na diferença entre os indivíduos e o “gênero”: o que ainda não foi realizado dos atributos da Essência humana o ser- nos próximos séculos (Althusser, 1999, p. 25).

Este é o movimento: proporcionar aos indivíduos o encontro com a essência genérica humana. Enquanto em Hegel a alienação representava o curso da História, em Feuerbach ela apenas implicava numa abstração da relação entre o Homem e sua Essência, mediada pelos objetos. Desalienar, portanto, significa reverter uma relação distorcida entre Homem e objeto, atuando sobre a consciência dos homens, conforme descrito por Althusser (1999, p. 25-26): “[...] ela é em suma a “boa leitura” de um texto já escrito e que os homens liam, até o momento, ao contrário.”

Sem dúvida, as frases impactantes dos escritos de Marx de 1844 são as que mais se destacam. No entanto, ao reconhecermos a genialidade de Marx nesses trechos, não podemos ignorar o tributo que ele prestava à sua herança feuerbachiana. Na *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, Marx afirma que “[...] o homem não é um ser abstrato, acorocado fora do mundo. O homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade.” (Marx, 2010b, p. 145). Ou ainda, que “Ser radical é agarrar a coisa pela raiz. Mas a raiz, para o homem, é o próprio homem” (MARX, 2010a, p. 151).

Porém, segundo Althusser (2015), tudo isso não passa de Feuerbach em *A Essência do Cristianismo*. A ideia de o homem ser um sujeito concreto é um clichê feuerbachiano. Embora o objeto de análise tenha mudado, da religião em Feuerbach para a política em Marx, o tratamento teórico permanece o mesmo. Tanto na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* quanto em *A Questão Judaica*, o que encontramos em Marx é a teoria de Feuerbach sobre o Homem e sua alienação. A pesquisa de Marx gera novos resultados, como a alienação sendo a Essência Inumana, representada pelo proletariado, mas isso ainda se encontra na órbita da teoria humanista de Feuerbach. Como Althusser afirma: “Por exemplo, Marx trata o Estado e a política, ele próprio o reconhece, como o “céu” da existência humana, isto é, nas próprias categorias da *teoria da religião* feuerbachiana” (Althusser, 1999, p. 28). A própria ideia de revolução como desalienação é uma contribuição de Feuerbach para Marx. Neste período, Marx torna-se

politicamente consciente, mas levaria de um a dois anos, até 1845, para que essa mudança política se refletisse em sua teoria.

As posições teóricas de Marx impediam-no de perceber os germes que surgiam em sua nova posição política. Nos Manuscritos, sua posição política já está clara: ele é comunista. Porém, há também uma mudança teórica: Marx critica a economia política (1844 é o ano em que ele se depara com o “esboço genial” de Engels, o texto *Esboço de uma crítica da economia política*, publicada nos *Anais Franco-Alemães*), as categorias da economia clássica, mas sua perspectiva continua feuerbachiana, ou seja, ele realiza a crítica utilizando as categorias de Homem e alienação.

O trabalho alienado é um reflexo dessa relação entre a essência humana e a essência dos objetos. “No trabalho, o homem objetiva sua essência (suas “formas essenciais”, suas “formas genéticas”) que se exterioriza sob a forma dos produtos de seu trabalho”⁴ (Althusser, 1999, p. 29). Mesmo sendo objetos reais, diferentes dos objetos espirituais de Feuerbach, o princípio da alienação é o mesmo.

Althusser aponta o que é novo nos Manuscritos de 1844, o texto mais marcante deste período: a inclusão de Hegel em Feuerbach. Mas o que exatamente é introduzido de Hegel em Feuerbach? “Uma parte daquilo que Feuerbach havia suprimido de Hegel, e uma parte importante: a história como processo dialético ou processo de alienação. Essa introdução da história tem por efeito teórico modificar sensivelmente as formas de exercício da categoria feuerbachiana da alienação” (Althusser, 1999, p. 30).

Apesar da alteração na abordagem da categoria de alienação, o arcabouço teórico permanece inalterado, ou seja, a relação entre a Essência e os objetos do mundo como uma manifestação da Essência do Homem.

A História hegeliana, como processo dessa alienação, uma vez incluída no campo teórico especular Sujeito (homem) = Objeto (produtos do mundo humano em suas diferentes esferas: econômica, política, religiosa, moral, filosófica, artística, etc.) reveste inevitavelmente a forma seguinte: História como processo de alienação de um sujeito, o Homem (Althusser, 1999, p. 30-31).

Assim, Marx adota uma concepção antropológica da História, o Sujeito, que é central no tratamento hegeliano da história como um processo dialético. Essa abordagem, influenciada por Feuerbach, representa uma ruptura com a concepção hegeliana (Althusser, 1999).

O humanismo nas pedagogias marxistas no Brasil

O humanismo defendido nas principais correntes das pedagogias críticas brasileiras refere-se à crença de que a educação deve ser o meio principal para a formação humana, visando: 1) a conexão do indivíduo com a humanidade, por meio da assimilação das heranças produzidas social e historicamente pela humanidade; 2) o trabalho como princípio educativo, entendido como a relação fundamental dos seres humanos com a natureza e entre si, visando à transformação e produção do mundo humano, como base para uma educação transformadora/revolucionária. Este trabalho se concentrará apenas no primeiro elemento destacado, com um estudo sobre a Pedagogia Histórico-Crítica - PHC.

⁴ Duarte (1993) reconhece as diferenças entre Marx e Feuerbach em relação ao tema do trabalho. Ele observa que: “Feuerbach julgava estar apreendendo o homem naquilo que ele tinha de mais real, sua relação com outro homem. Como, porém, essa relação era concebida independentemente das relações sociais historicamente criadas pelos seres humanos, aquilo que para Feuerbach parecia bastante real, aquilo que ele tomava como o ‘ser sensível’ do homem, na verdade, não passava de uma abstração.” (Duarte, 1993, p. 125). Embora reconheça a crítica válida de que Feuerbach desvinculou a análise da história, como também destacou Althusser em “Por Marx”, Duarte não segue completamente o caminho de Marx na ruptura com Feuerbach, uma vez que ele mantém a temática humanista em suas análises.

Na análise da PHC, o foco será nas principais propostas desta abordagem pedagógica, que podem ser resumidas da seguinte forma: 1) A educação é um projeto de humanização dos indivíduos, visando à construção da humanidade em cada pessoa por meio da assimilação das heranças social e historicamente construídas pela humanidade, num processo dialético entre objetivação e apropriação; 2) A educação é o processo de superação da alienação, promovendo tanto a transição do indivíduo quanto das classes sociais da condição “em si” para a condição “para si”, conduzidos, no caso da educação escolar, pela via do método da PHC, que parte do real concreto ao concreto pensado, pela mediação da teoria/abstração. Embora a proposta da PHC, em sua vasta história e diversidade, não se restrinja apenas a esses dois enunciados, eles constituem bases sólidas e fundamentais para sua compreensão, representando diretamente os princípios humanistas dessa corrente.

A síntese humanista mais destacada da PHC foi elaborada por Saviani em seu livro *Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras Aproximações*, publicado em 1991.

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (Saviani, 2011, p. 13).

Educar, portanto, é um processo transformador através da produção da humanidade em cada indivíduo. Educar é, em essência, um trabalho educativo que se torna o ato primordial da humanidade, como estabelecido por Marx nos Manuscritos de 1844. O homem não nasce humano, mas se torna humano através do trabalho das gerações anteriores sobre as gerações futuras, e o trabalho educativo atua no sentido de cultivar a humanidade em cada indivíduo, através da assimilação de elementos culturais identificados e transmitidos pelo processo educacional.

Na sociedade capitalista, a escola se destaca como a instituição predominante para realizar esse trabalho. Essa temática, segundo os princípios de Althusser (1999), já está presente em Feuerbach e em seu conceito de essência humana genérica, que foi inicialmente adotado por Marx em suas primeiras obras, mas que foi de fato superado pela ruptura promovida por Marx na construção do materialismo histórico. Como afirmou Martuscelli (2016, p. 216):

Se nos textos de juventude, as análises de Marx são orientadas pela pergunta “O que é o homem?” e, com isso, ganham relevância noções como alienação, ser genérico, essência humana, emancipação humana; os textos de maturidade passam a ser condicionados por uma nova questão “O que é história?”, advindo daí a formulação de novos conceitos, tais como: modo de produção, forças produtivas, relações de produção, luta de classes e revolução social.

Prosseguindo nessa linha de compreensão, Saviani afirma que o objeto da Pedagogia consiste nos conhecimentos que os indivíduos que nascem na espécie humana necessitam assimilar para que se constituam efetivamente como seres humanos (Saviani, 2019, p. 67). Daí a importância de destacar os elementos culturais e naturais a serem absorvidos para que o processo de humanização ocorra, assim como encontrar os métodos mais eficazes para alcançar esse objetivo.

Quanto aos conteúdos, Saviani destaca o conceito de “clássico”, referindo-se aos conteúdos que têm o potencial de promover a humanização dos indivíduos, ou seja, o clássico é aquilo que se estabeleceu como fundamental e essencial. Quanto às formas, estas representam os meios pelos quais cada

indivíduo singular gradualmente incorpora, como segunda natureza, a humanidade historicamente produzida (Saviani, 2019, p. 68)⁵.

No que diz respeito à escola enquanto instituição predominante de educação das massas no capitalismo, sua função é a de socializar o conhecimento elaborado, sistematizado e erudito, em contraposição ao conhecimento comum, espontâneo e popular, representando assim a cultura formal e escrita.

Com base nessas premissas, Saviani desenvolve uma síntese sobre o papel da educação e do trabalho educativo.

a compreensão da natureza da educação como um trabalho não material, cujo produto não se separa do ato de produção, permite-nos situar a especificidade da educação como referida aos conhecimentos, ideias, conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos sob o aspecto de elementos necessários à formação da humanidade em cada indivíduo singular, na forma de uma segunda natureza, que se produz, deliberada e intencionalmente, por meio de relações pedagógicas historicamente determinadas que se estabelecem entre os homens (Saviani, 2019, p. 70-71).

O autor que mais avançou na perspectiva humanista da PHC foi o professor Newton Duarte, em sua obra seminal *A individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo*, publicada em 1993. Esta obra, pela sua complexidade e abrangência, foi fundamental para a conexão desta corrente com a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, que atualmente é um dos pilares teóricos mais importantes da PHC, fortalecendo-a no campo educacional brasileiro.

As teses apresentadas neste livro giram em torno da essência genérica humana e da ligação entre o indivíduo e o gênero humano, em consonância com as leituras dos textos de Marx dos anos de 1843-1844, como já mencionado anteriormente. De fato, os *Manuscritos econômico-filosóficos* de Marx, de 1844, têm uma presença significativa nesta obra.

A categoria “indivíduo para-si”, na obra de Duarte, atua como mediadora entre as categorias de objetivação, apropriação, humanização, alienação e gênero humano. Nesta relação dialética entre objetivação e apropriação, ocorrem processos sociais e históricos de alienação e possibilidades de emancipação, e é por meio dessa análise que se investigam as potencialidades da educação escolar como promotora de processos emancipatórios. A apropriação dos elementos culturais humanos produzidos pela humanidade equivale a inserir as novas gerações na história e, assim, tornar os produtos culturais “órgãos de sua própria objetividade” (Duarte, 1993, p. 40), condição essencial para a formação do “indivíduo para-si”. Porém, quando os indivíduos são impedidos de acessá-las, ocorre um estado de alienação, mantendo os indivíduos numa condição de “em-si”.

No processo de objetivação dos elementos culturais cruciais para a formação do “indivíduo para-si”, tanto a escola quanto o trabalho educativo desempenham um papel central. Isso implica que o educador tenha o papel de conduzir o processo de apropriação, pelos alunos, do conhecimento produzido historicamente e socialmente (Duarte, 1993, p. 46).

Segundo o autor, no contexto do capitalismo os processos de humanização dos indivíduos, ou seja, o encontro entre os indivíduos e o gênero humano na formação do “indivíduo para-si”, ocorre num contexto alienador. A alienação é, antes de tudo, um processo objetivo, no qual as relações sociais restringem ou impedem que a vida dos indivíduos realize suas potencialidades humanas.

⁵ No método proposto por Saviani, este é o momento da *catarse*, conceito adotado de Gramsci, pelo qual se quer dizer a “[...] elaboração-transformação da estrutura em superestrutura na consciência dos homens” (Saviani, 1999, p. 87).

A alienação é um processo que impede os indivíduos de reconhecerem nas objetivações humanas os produtos de sua própria ação. Em outras palavras, aqueles que produzem não reconhecem a si mesmos nos produtos, um tema amplamente explorado por Marx nos já citados Manuscritos de 1844. Nas palavras de Duarte (1993, p. 74):

A resposta de Marx é a de que as relações sociais de dominação fazem com que aqueles que produzem, pelo seu trabalho, o mundo dos 'objetos' humanos, não possam se apropriar do mundo resultante do trabalho humano. As relações de dominação 'arrancam' dos homens 'sua vida genérica', isto é, seu trabalho.

O trabalho como base fundamental da existência humana, ou seja, o trabalho como a vida genérica dos seres humanos, é o elemento fundamental do humanismo na PHC. Althusser observa, a respeito dos Manuscritos de 1844, que: "No trabalho, o homem objetiva sua essência (suas "formas essenciais", suas "formas genéticas") que se exterioriza sob a forma dos produtos de seu trabalho" (Althusser, 1999, p. 29).

A liberdade humana depende da capacidade de os indivíduos controlarem conscientemente as relações sociais objetivadas, um processo que Althusser denomina de "apropriação para-si", em oposição à "apropriação em-si" característica da sociedade alienada capitalista. "Para que o homem não se aliene perante o mundo por ele criado, ele precisa ver a si próprio objetivado nesse mundo, precisa reconhecer esse mundo como um produto de sua atividade" (Duarte, 1993, p. 82).

Este autor concebe a individualidade humana como a relação entre objetivação e apropriação, entendidas não como estágios distintos, mas como uma unidade. Enquanto a determinação no animal é interna e genética, no ser humano é histórica, externa ao seu organismo, na sociedade. Portanto, o processo educativo e de formação humana não se limita a processos de adaptação e equilíbrio, referindo-se aqui às discordâncias fundamentais com as teses de Jean Piaget, mas sim de objetivação e apropriação.

A diferenciação também ocorre devido ao fato de que a relação entre os indivíduos e o gênero humano não acontece imediatamente, mas sim mediada pela vida social em que os indivíduos estão inseridos. Assim, a socialidade atua como mediadora da genericidade, uma mediação que pode ser emancipatória ou alienada. "Na verdade, o indivíduo nunca se relaciona imediatamente com o gênero humano. Tal relação é sempre mediatizada pela relação do indivíduo com as circunstâncias histórico-sociais concretas nas quais ele vive" (Duarte, 1993, p. 112-113).

O papel da educação escolar é precisamente superar as experiências alienadas do cotidiano para construir experiências conscientes que permitam aos indivíduos se relacionarem de forma consciente com o gênero humano.

A genericidade para-si, ou seja, a relação consciente entre os indivíduos, a vida cotidiana e o gênero humano, é produto da dialética entre objetivação e apropriação. Nesse sentido, a educação escolar e o trabalho educativo atuam como mediadores que possibilitam a apropriação consciente das objetivações genéricas para-si, que incluem a ciência, as artes, a filosofia entre outros elementos culturais transmitidos pela escola.

O processo educativo deve contribuir para o desenvolvimento do indivíduo, criando carências, ou seja, gerando novas necessidades consideradas essenciais para o seu desenvolvimento. Isso implica na rejeição de concepções pedagógicas que se limitam a esvaziar a transmissão de conhecimentos, valorizando acima dos demais os conhecimentos cotidianos e desvalorizando o papel docente de ensinar.

Considerações finais

A crítica ao humanismo foi detalhadamente elaborada por Louis Althusser na *Resposta a John Lewis* (Althusser, 1974) e outros (Althusser, 1967; 1999; 2002). Sua tese central reside na distinção entre a visão burguesa e a marxista sobre o papel na história: enquanto a ideologia burguesa atribui ao Sujeito o protagonismo na condução dos eventos históricos, o marxismo enfatiza que são as “massas que fazem a história”, ou seja, as classes, camadas e categorias unidas em torno do proletariado. Nessa perspectiva, o motor da história não é um Sujeito, mas sim a luta de classes, como delineado no *Manifesto do Partido Comunista* de 1848.

As classes, portanto, não existem separadas das lutas de classes; elas se constituem nesse processo e são inseparáveis dele. A questão do Sujeito da História é relegada a segundo plano, pois, como Althusser destaca: “A história é um imenso sistema “*natural-humano*” em movimento, cujo motor é a luta de classes. A história é um processo, e um *processo sem sujeito*” (Althusser, 1974, p. 35-36).

Althusser enfatiza que definir a história como um processo sem sujeito não implica o fim da ação política. A crítica ao humanismo reside no desvio do enfoque classista e da luta de classes em prol de uma ideologia do Sujeito, do Homem, que foi elevada a uma categoria filosófica no período de ascensão da burguesia. Essa crítica é dirigida não apenas aos intelectuais e partidos comunistas, mas também às políticas da esquerda brasileira, inclusive às correntes críticas da Pedagogia, como é o caso da Pedagogia Histórico-Crítica aqui analisada.

A superação do humanismo é essencial para o desenvolvimento de pedagogias críticas que visam a superar o capitalismo. Não podemos incorporar os ideais burgueses, como o humanismo, na construção de uma pedagogia crítica. Assim como Marx criticou a filosofia idealista e estabeleceu o materialismo histórico como uma superação em relação ao idealismo, é necessário fazer o mesmo ao construir propostas educativas revolucionárias. Nossas categorias não devem reproduzir os ideais burgueses, sob risco de serem cooptadas pela burguesia.

A burguesia não construiu suas bases assentadas nas filosofias medievais; ao contrário, as eliminou radicalmente. Não podemos esperar superar o capitalismo usando as mesmas categorias burguesas. Nesse sentido, é fundamental analisar os fundamentos do humanismo teórico, conforme proposto por Althusser, e investigar sua presença nas pedagogias críticas para promover uma verdadeira luta ideológica de classes na educação.

Ao avaliarmos a PHC, a intencionalidade foi a de apontar a centralidade que nela está expressa de conceitos humanistas, retirados das obras da juventude de Marx. Ao nosso juízo, esta centralidade do humanismo nesta corrente contrapõe-se ao seu intento revolucionário, fazendo-a quedar no âmbito das pedagogias modernas, pautadas na incorporação de conteúdos como premissa de uma conscientização, que seria, portanto, a via da transformação social. Em nenhum momento identificamos a PHC com a intencionalidade das pedagogias burguesas, apenas enfatizamos a necessidade de que a construção de uma pedagogia revolucionária seja pautada em uma leitura não humanista da obra de Marx, tal como é apresentada na obra de Althusser e da corrente do marxismo estrutural. Este projeto de uma pedagogia revolucionária tem, em nosso sentir, pelo menos alguns princípios: a compreensão de que a educação faz parte da prática política (de Melo, 2022), e; um entendimento em outro patamar sobre a relação entre educação e produção.

Sobre o primeiro princípio, trata-se de imergir a educação como parte da luta de classes, e, portanto, localizá-la como centro da reprodução do sistema social do capital. Sendo assim, a educação

estatal age no sentido de interpelar os sujeitos como indivíduos, e, logo, sujeitos que incorporam a ideologia burguesa como modo de vida. Isso se verifica não somente nas políticas neoliberais para a educação, de caráter meritocrático, mas na incorporação deste pelas pessoas, especificamente no que Saes (2005) denominou de "ideologia da classe média".

Só uma acirrada luta de classes pode fazer a escola cumprir outro papel⁶. E não nos parece viável que este papel seja a melhor socialização dos conhecimentos "produzidos pela humanidade", que, ademais, é uma prática perfeitamente factível nas melhores escolas e universidades do mundo europeu e estadunidense, inclusive de determinadas escolas de elite, especialmente aquelas voltadas para um ensino humanista, como comprovam os estudos de Almeida e Nogueira (2002). Não se quer, contudo, defender as posições pós-modernas que visam ao esvaziamento dos conteúdos escolares. Estes, quando muito, cumprem papel mediador, mas jamais seriam a centralidade de um processo educativo revolucionário. Como afirma Althusser (2020, p. 183) :

o proletariado vive sob o domínio das ideias da classe dominante, seja direto (Igreja, Estado), seja indireto (escola, sistema político etc.). Se quiser conquistar um pouco de independência em sua revolta, começará por se servir das ideias que lhe são impostas, por exemplo, ideias religiosas [...] morais, ou jurídicas [...] Pouco a pouco, acaba entrevendo que essas ideias são enganadoras e destinadas a enganá-lo, e põe-se a buscar *ideias que sejam dele, só dele*, e capazes de libertá-lo da servidão ideológica a seu adversário de classe (ALTHUSSER, 2020, p. 183).

Este deve ser o papel dos conteúdos escolares, portanto. Não há necessariamente um antagonismo em relação ao proposto pela PHC, no entanto, um pequeno ajuste em relação ao lugar pelos conteúdos. Tonet (2014), por exemplo, tentou formular o que denominou de "atividades educativas emancipadoras", ainda que no âmbito de uma concepção ontológica do marxismo, como possibilidades educativas transformadoras no interior da escola burguesa. De toda forma, como aponta Althusser, os conteúdos burgueses dificilmente darão conta de uma prática política proletária revolucionária. É preciso que o proletariado crie coletivamente conteúdos transformadores, como fez a própria burguesia no seu processo revolucionário. Daí a relevância histórica do encontro entre o proletariado e o marxismo.

Vinculado com o segundo princípio, a prática política que se pretende é aquela dirigida diretamente pelos produtores (Balibar, 1974), de modo que a própria produção seja transformada em tarefa política coletiva. Assim, ao contrário da produção na forma burguesa, hierarquizada e opressiva, a prática política e produtiva proletária deve ser a mais democrática possível, pautada na discussão a mais densa e profunda possível para se chegar à execução das tarefas adequadas.

A escola para ser revolucionária deve abdicar de sua forma autoritária e hierarquizadora. Afinal, não se formam construtores do futuro, como no lema da pedagogia do MST, tratando-os durante 12 anos como seres amorfos ou passivos. Já temos experiências concretizadas de educação horizontal, ainda que nos limites permitidos pelo sistema burguês, como as escolas itinerantes do MST no Paraná (Sapelli, 2015 entre outros).

Para finalizar este que é um diálogo que merece muito mais espaço, superar o humanismo é superar a ideia do Homem como sujeito da história, e colocar em seu lugar as massas e sua organização

⁶ Tão forte é o papel reprodutivo da escola que nem mesmo um movimento da magnitude das ocupações de 2016 fez com que a escola mudasse seu rumo. Nem uma semana após o término das ocupações, as escolas voltavam ao seu ritmo normal, e, inclusive, com políticas mais acirradas de controle, como no caso da implementação das plataformas, ou com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular, após a aprovação da Reforma do Ensino Médio.

política e produtiva, pautada na coletividade contra o individualismo, como forma de combater a ideologia burguesa de caráter humanista. A PHC cumpre um papel fundamental neste processo, o que é necessário, a nosso juízo, é retificar a centralidade do humanismo desta pedagogia marxista, e este artigo foi uma tentativa de iniciar esta conversa, apostando na prolífica potencialidade do marxismo estrutural althusseriano como matriz desta construção.

Referências

- ALTHUSSER, L. *et al. Polêmica sobre o humanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1967.
- ALTHUSSER, L. *Para una crítica de la práctica teórica: respuesta a John Lewis*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 1974.
- ALTHUSSER, L. *El porvenir es largo*. Los hechos. Barcelona: Ediciones Destino, 1992.
- ALTHUSSER, L. A querela do humanismo (1967). *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v. 1, n. 9, 1999, p. 9-51. Disponível em: https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2543702/mod_resource/content/1/ALTHUSSER%2C%20Louis.%20A%20querela%20do%20humanismo%2C%20parte%20I..pdf.
- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de estado*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987.
- ALTHUSSER, L. A querela do humanismo II. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.14, 2002, p. 48-72. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo85artigo3.pdf.
- ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora Unicamp, 2015.
- ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- ALTHUSSER, L. *Iniciação à filosofia para não filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2020.
- ALMEIDA, A. M. F.; NOGUEIRA, M. A. (Org.). *A escolarização das elites*. Um panorama internacional da pesquisa. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BACKER, D. *The gold and the dross*. Althusser for educators. Leiden: Brill Sense, 2019.
- BACKER, D. *Althusser and education*. London: Bloomsbury Academic, 2022.
- BALIBAR, E. *Cinco ensayos de materialismo histórico*. Barcelona: Editorial Laia, 1974.
- CLEMENTE, G. *Sapere, ideologia, riproduzione*. L'apparato scolastico in Louis Althusser e nella scuola althusseriana. Milan: Mimesis Edizioni, 2021.
- COUTINHO, C. N. *O estruturalismo e a miséria da razão*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- CUNHA, L. A. *Uma leitura da teoria da escola capitalista*. 2 ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.
- DE MELO. *Crítica da ideologia humanista em educação: contribuições do marxismo althusseriano*. Pimenta Cultural: São Paulo, 2022. E-book. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/05/eBook_Critica-humanista.pdf. Acesso em: 09 dez. 2024.

DUARTE, N. *A individualidade para si*: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas: Autores Associados, 1993.

ENGELS, F. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*. São Paulo: Iskra, 2016.

KARSZ, S. Lectura de Althusser. In: KARSZ, S. *Lectura de Althusser*. Buenos Aires: Editorial Galerna, 1970. p. 13-230.

MARTUSCELLI, D.E. O anti-humanismo teórico na obra de Louis Althusser: problemas de teoria e efeitos políticos. In: PINHEIRO, J. (org.). *Ler Althusser*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 213-237. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/ler-althusser_ebook.pdf.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010a.

MARX, K. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2010b.

MOTTA, L.E. *A favor de Althusser*. Revolução e ruptura na teoria marxista. Rio de Janeiro: Gramma; Faperj, 2014.

RANIERI, J. Apresentação. In: MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 11-18.

SAES, D. Classe média e escola capitalista. *Crítica Marxista*, 21, 2005. p. 97-112. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo122artigo5.pdf

SAPELLI, M.L.S. Escola itinerante: espaço de disputa e contradição. *Educar em Revista*, n.55, p. 129-143, jan. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.39834>

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. 32 ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 11.ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-Crítica, quadragésimo ano*. Novas aproximações. Campinas: Autores Associados, 2019.

SILVA, T.T. *O que produz e o que reproduz em educação*: ensaios de sociologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria e outros ensaios*. Petrópolis: Vozes, 2021.

TONET, I. Atividades educativas emancipadoras. *Práxis Educativa*, v.9, n.1, p.9-23, jan./jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.9i1.0001>

RECEBIDO: 06/03/2024

RECEIVED: 06/03/2024

APROVADO: 30/09/2024

APPROVED: 30/09/2024